

A PÁTRIA DO BUDA ⁽¹⁾

por

CONSTANCIO MASCARENHAS

SENHOR PRESIDENTE:
MEUS SENHORES:

Não será de todo fora de propósito que eu vos explique a razão porque me encontro aqui.

Tendo resolvido fazer um trabalho sobre alguns crânios da Índia-Portuguesa, existentes na Faculdade de Medicina, o sr. prof. dr. Pires de Lima, depois de os ter posto amavelmente à minha disposição, manifestou-me um dia o desejo de que eu fizesse uma *conferência* sobre as coisas da Índia, na Sociedade a que tenho a honra de pertencer.

Ora o prof. Pires de Lima tem sido para mim de uma amabilidade e de uma gentileza que todos lhe conhecem e que lhe são peculiares. A cativante Ihanesa do seu trato, a bondade inata do seu coração, o seu carinho quasi paternal, fizeram atenuar, suavisar, esquecer — oh! quantas vezes, quantas! — horas amargas de nostalgia intensa e profunda, contingência de uma vida de *exílio*... embora voluntário. É porisso que um desejo de s. ex.^a é para mim

(1) Comunicação feita em sessão de 4 de Maio de 1923.

uma imposição; é porisso que aqui estou, deixando o meu habitual retraimento quasi fisiológico, abandonando a paz e a doçura do silêncio e do recolhimento — silêncio e recolhimento que me fazem experimentar a volúpia de sentir-me ninguém.

*
* *

Que direi dessa Índia, cuja civilização causou a admiração e o entusiasmo de Michelet; dessa Índia que outrora foi grande e poderosa, e em que as lutas intestinas, provocadas pela ambição de uns e pelo despeito de outros, causaram a derrocada da sua grandeza e a ruína do seu esplendor; dessa Índia que é como um resumo de todas as fases da História — um quadro vivo da lenta evolução que conduziu as primeiras tribus humanas de barbarie primitiva à civilização moderna?! A Índia pode ser considerada — escreve Gustave le Bon — *comme une vaste mosaïque composée de peuples les plus divers, depuis le sauvage le plus primitif jusqu'à l'homme civilisé, en passant par toutes les phases intermédiaires.*

A reconstituição exacta do seu passado milenário é tarefa inglória, porque é impossível. O seu passado brumoso é muito vagamente revelado pelos seus livros religiosos, os Vedas, que nos dão a seu respeito o mesmo conhecimento que as tradições refinadas por Platão acerca dessa Atlântida desaparecida por um cataclismo geológico. A Índia não tem história. Mas isso não impede de evocarmos factos conhecidos, de os reportarmos às épocas em que elles se deram, de os relacionarmos uns com os outros, estabelecendo uma possível continuidade que é a base fundamental de toda a História. A filiação precisa e o rigor cronológico podem ser dispensados, porque as afirmações da História não são absolutamente seguras e, portanto, infalíveis. É histórico o milagre de Ourique. E o milagre de Marne é histórico também...

MEUS SENHORES:

Em tempos muito remotos, cuja data precisa se ignora, a parte setentrional da Índia sofreu a invasão ariana. Este povo, cujas características étnicas eram consideravelmente diferentes das da população autoctone da Índia, estabeleceu-se na região ocupada, vivendo em agrupamentos de character restritivo (talvez por uma repulsão natural, instintiva, quasi orgânica), formando clans e tribus, características da civilização ariana — células primordiais da organização social moderna. Anos depois uma segunda incursão ariana se fez para o interior da península, não pela via habitual do noroeste, mas passando por Gilgit e Chitral. As difficuldades de trânsito obrigaram os invasores a reduzir consideravelmente o número de mulheres que consigo levavam, forçando-os a cruzarem-se com mulheres indígenas de raça drávida, de *couleur foncée*, originando assim o grupo ário-drávida.

Com o decorrer do tempo os arianos não deixaram de sentir os efeitos prejudiciais d'este cruzamento feito em grande escala; e prevendo o perigo de se verem totalmente absorvidos pela população aborigene, como medida repressiva estabeleceram o regime de castas, unicamente baseado na restrição de cruzamento com restrição de ocupação ou de profissão, satisfazendo a lei biológica da conservação da espécie e a lei económica da divisão de trabalho. *It is impossible to suppose that the Aryans of the Punjab and the upper Gangetic valley could have allowed their blood to mix with the lower Dravidian race to any large extent* — escreve Vaidya.

Foi assim que nasceram as quatro primeiras castas: *brâmane* (sacerdote), *chatria* (militar), *váixia* (industrial) e *sudra* (serviçal), sendo somente a casta brâmane um agregado social endogâmico, e às quais Manú, no seu código Dharma-Sastra, atribuiu uma origem divina, fazendo-as proceder de diferentes partes anatómicas

de Brahma, o Sêr Supremo, que as criara para a propagação do género humano: da sua bôca nasceu o *brâmane*, do seu braço o *châtria*, da sua côxa o *vâixia*, e do seu pé o *sudra*. Estas primeiras quatro castas desenvolveram-se e diferenciaram-se por uma forma tão espantosa e insólita que, cada nova seita e cada profissão, formava uma casta nova, em conformidade com a lei sociológica da passagem do homogénio ao heterogénio, formulada por Spencer. E o regime de castas, por causa da sua origem mitogénica, radicou cada vez mais no supersticioso espírito indiano, a tal ponto que, à restrição de casamento e à restrição de ocupação, se acrescentou a restrição de alimentos, classificando-os de puros e impuros. Lê-se nas leis de Manú a respeito da restrição de casamento: «o brâmane que não desposar uma mulher da sua classe e tiver relações com uma sudra, será condenado às chamas do inferno; e se tiver filhos dela perderá a sua qualidade de brâmane. A respeito da restrição de ocupação ordena o seguinte: para a conservação de criação, o Sêr soberanamente glorioso, marcou misteres diferentes àqueles que produzira da sua bôca, do seu braço, da sua côxa, e do seu pé. Confiou ao brâmane o estudo e o ensino dos Vedas, a prática do sacrifício, a direcção dos sacrificios oferecidos por outrem, o direito de dar e receber esmolas. Impoz ao châtria o dever de proteger o povo, de ser caritativo, de oferecer os sacrificios, de ler os livros sagrados, e de não se entregar aos prazeres. Cuidar do gado, dar esmola, oferecer os sacrificios, estudar os livros sagrados, comerciar, e cultivar os campos, são as funções marcadas ao vâixia. Mas o soberano Mestre impoz ao sudra sòmente o ofício de servir as classes precedentes. A respeito da restrição de alimentos preceitua o seguinte: todo o alimento que não esteja alterado, e mesmo que tenha sido preparado na véspera, pode ser engulido se se lhe deita um pouco de azeite. E aquele que todos os dias se alimenta de carne, que é permitido comer, não comete pecado, porque Brahma criou

certos sêres animados para serem devorados, e outros para os devorar».

Vê-se claramente, pela transcrição de alguns preceitos de Manú, que um exagerado espírito religioso preside a todos os actos da vida hindú—domina a sua vida inteira. O trabalho, a alimentação, o asseio, o sono, etc., são actos religiosos. A sua vida é uma liturgia. Pois diz muito bem Oliveira Martins: «À maneira que a imaginação cava na seara dos mitos profundando a expressão deles, trazendo a religião do mundo externo para o interno, dando às práticas um carácter místico e ao fetichismo já remoto uma significação simbólica; à maneira que o homem progride na evolução espontânea dos problemas transcendentales, cresce-lhe no espírito a alucinação divina».

O regime de castas, base da vida social indú, separando tão profundamente e por uma forma irreductível os diversos grupos de uma mesma raça, impede a fusão de todos os diversos povos que aí habitam, reduzindo-os a uma unidade étnica—condição essencial da unidade nacional. E se não há verdadeiramente uma nacionalidade indú, no justo sentido desta palavra, é porque os diversos povos que habitam na Índia são como estrangeiros uns para os outros. A verdadeira pátria de um indú é a sua casta, onde êle se sente aprisionado em uma complicada rêde de tradições e de costumes, que a hereditariedade tornou muito estável para que não possa jamais sair dali com facilidade. A origem divina que se lhe atribuiu, escravisa o seu espírito essencialmente religioso, prende-o a êsse preconceito—dominando-o, subjugando-o, tiranizando-o! Pois é pelo místico, pelo sobrenatural, pelo inverosímil, que mais facilmente se atua no espírito das multidões, despertando nelas uma credulidade infinita, ilimitada. O seu raciocínio muito rudimentar e superficial, não podendo entregar-se às nobres funções da crítica, leva-as a viverem em um permanente estado de inconsciência—a pavorosa inconsciên-

cia colectiva. Desde êsse momento tudo lhes parece razoável, tudo lhes parece aceitável: do mais indigesto absurdo até o mais autoritário dogma. A sua sensibilidade nada afeita às mais delicadas emoções reclama uma emoção violenta — o sobrenatural. « *Le charme qui touche le plus les âmes est le charme du mystère* » — diz Anatole France.

O sistema de castas, devido ao misticismo de que se revestiu, perdura ainda hoje na vida social indiana. As lendas que a tradição recolheu, em que há diálogos de serpentes transformadas em homens — oh! fantasia! — e homens transformados em serpentes, revela-nos muito nitidamente como o sistema de castas se infiltra na alma popular, atuando pelo sobrenatural que aterra e esmaga o espírito supersticioso e timorato, como é o espírito das multidões. « *La mentalité mystique* — escreve G. Le Bon — *se révèle par l'attribution à un être, à un objet déterminé ou à une puissance ignorée, d'un pouvoir magique indépendant de toute action rationnelle* ».

A lenda de Nahusha-Saptarshi, que vem descrita no Mahabharata, deixa-nos ver a forma como era encarado o problema de castas na infância da mentalidade indiana. Nahusha — diz a lenda — vendo-se obrigado a transformar-se em serpente para se furtar à perseguição dos brâmanes, permaneceu sob esta forma durante muito tempo, até que um dia foi encontrado por Yudhishtira no momento em que pretendia saltar contra o irmão dêste, Bhima. « Responda às minhas perguntas em termos muito precisos — disse Nahusha a Yudhishtira — ou de contrário matarei o seu irmão. Pergunte-me o que quizer, oh! grande serpente! — disse Yudhishtira — que eu responder-lhe hei de minha melhor vontade. O que vem a ser um brâmane? — inquiriu Nahusha. E Yudhishtira respondeu: é todo aquele que é dotado de probidade, liberalidade, gratidão, sã conduta, bons sentimentos, vida austera e piedade. Nahusha objectou: que sucederá se um sudra possuir todas essas qualidades? Yudhishtira explicou: se essas qualidades existirem

em um sudra e não existirem em um brâmane, é porque o tal sudra não é sudra e o tal brâmane não é brâmane. Pois, oh! grande serpente! a pessoa que possuir essas qualidades será um brâmane e aquela que as não possuir será um sudra. Porém Nahusha replicou: Oh! rei! se você pensa que a conduta de uma pessoa faz dela um brâmane, o facto de uma pessoa pertencer a uma casta não tem valor nenhum se as acções dessa pessoa não levarem a filiá-la na sua respectiva casta. Mas Yudhishtira esclareceu: a casta, em face das espécies gerais do género humano, é até ao presente indistinguível, por causa do grande entrecruzamento das raças. Homens de todas as castas tiveram filhos de mulheres pertencentes a todas as castas, indistintamente. Todos os homens apenas têm os seus traços comuns na linguagem, na vida sexual, no nascimento e na morte. E no verso *yeyajamahé* dos Vedas está escrito o seguinte: todo aquele que tiver tido um conhecimento aprofundado da essência das coisas, acredita que a boa conduta vale tudo na vida de um homem. « *Castes are useless if suitable conduct does not exist; for the intermixture of races has been very great indeed* », na versão inglesa de Vaidya.

Não é menos interessante também a lenda da família do Maharajá de Chutia Nagpur, que Sir Herbert Risley descreve no seu livro *The People of India*, e que nos mostra a forma como o sistema de castas, longe de se basear em diferenças étnicas ou em diferenças de educação que estabelece as classes sociais, apenas se deixava influenciar pelo maravilhoso, baseando-se essencialmente no absurdo.

Conta a lenda que o rei de Nagas ou serpentes tomou a forma humana e desposou uma linda donzela brâmane de Benares. A sua transformação, porém, não foi de todo completa, porque não conseguiu disfarçar a sua língua bipartida e sua respiração sibilina. Mas, com o intuito de ocultar à sua esposa esta particularidade pouco agradável, dormia sempre de costas voltadas para ela. Esta

precaução, longe de o beneficiar, despertou nela a suspeita de que procurava ocultar-lhe qualquer coisa, e aumentar a sua curiosidade. Entretanto êle havia-lhe proposto uma peregrinação para o templo de Jagannâth, em Orissa. Partiram em direcção a esse templo, seguindo o caminho directo, através das montanhas e florestas de Chutia Nagpur, e quando se aproximavam dos arredores da actual estação de Ranchi, a sua esposa sentiu as dores de parto. A sua curiosidade sempre crescente levou-a a dirigir-lhe uma série de perguntas, até que por fim êle viu-se forçado a declarar-lhe que era na verdade o Takshak Raja, o rei das serpentes. No mesmo instante êle transformou-se em uma gigantesca cobra e, tomando uma atitude conveniente, protegeu contra os raios solares do meio dia o filho que a sua esposa dera à luz, tendo ela morrido em seguida. Enquanto a serpente se conservava naquela atitude, alguns lenhadores da tribu Munda, que por ali passavam, tendo encontrado a criança em tão estranhas circunstâncias, e julgando que ela estava destinada, por este facto, para um grande e brilhante futuro, resolveram adoptá-la para chefe da sua tribu. Tal é a lenda da família do Maharajá de Chutia Nagpur, que, desde essa data, ficou pertencendo à família dos Rajputs — uma tribu guerreira acantonada nas proximidades do Dékan, na opinião de J. de Marlès.

« Como a água que sempre invade os baixios — diz Oliveira Martins — a superstição insinua-se nas almas desesperadas, enchendo-as de loucuras e terrores ». E estas duas lendas mostram-nos como a superstição influiu poderosamente no desenvolvimento ulterior das castas indianas. A sua multiplicação não obedeceu a nenhum critério étnico ou de afinidades psicológicas ou afinidades espirituais de Goethe, para as separar em agregados sociais endogâmicos, completamente fechados e privativos; nem tão pouco foi a continuação da selecção de aptidões individuais, que parece ter presidido originariamente à sua formação, estabelecendo o regime

de divisão do trabalho. As suas variedades ou subcastas são tão numerosas e múltiplas, que é quasi impossivel investigar com justeza e afirmar com precisão quais teriam sido as causas ou as condições que as determinaram. Parece todavia ter influido na sua formação o critério de que os *out-castes* (sem casta) eram creaturas abjectas, excluidas de toda a categoria social, como o eram os *ilotas* na Grécia, qualquer coisa de mesquinho com forma humana — a triste humanização do ignóbil. Porque há diversas tribus da Índia que, sob a influência da ortodoxia indú, adquiriram o mesmo modo de vida social, adoptando o regime de castas. São as tribus Ahír, Dom e Dosád, das Províncias Unidas de Bihar; são as tribus Gūjar, Jāt, Meo e Rajput de Rajputana e Punjab; são as tribus Koli, Mahār e Marātha, de Bombaim; são as tribus Bagdi, Bāuri, Chandāl e Kaibartha, de Bengala; e são as tribus Nāyar, Vellāla, Paraiyan e Pariah, de Madrasta.

Outras há que têm o tipo de casta correspondente às suas funções, e são tantas as castas quantos os misteres: são Brahmans os padres; Chamār e Mochis os sapateiros e alpercateiros; Chuhras, Bhangis e Doms os varredores; Dosāds os guardas nocturnos; Goālas os vendedores de leite; Kaibarthas e Kewats os pescadores e agricultores; Koiri e Kāchhi os jardineiros; e Kumbārs os oleiros. Outras ainda que são as castas que usam o nome de um animal, de uma árvore, de uma planta, ou de qualquer outro objecto natural ou artificial, e que lhes impõe a obrigação de os venerar: são as castas que formam o grupo totemista.

Há também outras castas que tiveram a sua origem na diversidade de seitas religiosas; e na parte cristianizada da península, a despeito da doutrina igualitária dessa religião, subsiste ainda o sistema de castas, primitivamente reconhecido e tolerado pelos missionários portugueses, porque os neo-convertidos não aceitavam o regime de igualdade social das comunidades cristãs. E a população cristã da Índia-Portuguesa acha-se dividida, ainda hoje,

em seguintes castas: bramâns os brâmanes; chardos os châtrias; sudirs os sudras; rendérs os lavradores de coqueiros; gavids ou gandós os salineiros; modvals os lavadeiros; sidis os operários e kumbars os oleiros.

São assim as convicções colectivas: profundas, inabaláveis, irrevogáveis. E a História revela-nos qual era o poder de convicção que os povos acalentaram durante longo tempo, acreditando na origem divina, que se atribuía aos reis, e na infalibilidade pápal, piedosamente envenenada pela incestuosa Lucrecia Bórgia! É porque as multidões se deixam facilmente influenciar pelas concepções místicas e sentimentais, deixando-se apenas governar pelas fórmulas puramente convencionais, derivadas dessas concepções — fórmulas que pretendem regular todos os actos da vida humana. E a sociedade não perdoa a quem se desvia dessas fórmulas convencionais, falsas, mentirosas. E a sociedade indú não perdôa a quem não guarda religiosamente o espírito tradicional das castas. E o regime de castas, tal como êle actualmente vigora, não é mais do que uma *mentira convencional* da civilização indiana, como diria Max Nordau.

Estas castas mantêm-se ainda hoje, e durarão sempre que na alma colectiva permanecer a convicção de que foram determinadas por vontade divina. E ao regime de castas nada falta para que se nos apresente sob a feição de um mito. A prodigiosa e fecunda imaginação oriental reveste-o de fantásticas lendas, a que não falta o colorido e o variegado matiz dos países tropicais, afim de que mais profundamente possa arraigar-se no fanático espírito indú. A própria natureza auxilia a sua elaboração: as suas florestas densíssimas, obscuras selvas dantescas, onde a ramagem ceradamente entrelaçada das suas árvores impede a penetração do mais ténue raio de sol, e onde um leve sopro de brisa sacode a folhagem em uma toada triste e lúgubre; onde o tigre com os seus rugidos espalha o terror e o mêdo; onde a serpente desliza,

fraiçoeiramente, silvando, assobiando; ali, onde apenas se sente a gelada frieza da morte, o homem, pelo instinto natural de conservação do indivíduo, visionou Deus — a representação simbólica da Eternidade! E o admirável poeta de *La légende des siècles* dissera-o em versos adoráveis:

Qu'est la religion? L'abîme et ses fumées,
Les simulacres noirs flottant sous les ramées
De bois insidieux,
La contemplation de l'ombre, les passages
De la nue au-dessus du front pensif des sages
Ont crée tous vos dieux.

*
* *

MEUS SENHORES:

Os deuses do Panteon indiano, de uma infinidade numérica e mais ou menos relacionados uns com os outros, são todos procedentes de um mesmo principio: o de reconhecimento ou o de terror de uma acção boa ou má — puras encarnações de sentimentos humanos, *confus et melangés*, como dizia Benjamin Constant.

São duas as divindades principais: Indra, o firmamento e Agni, o fogo. As divindades secundárias, entre as quais se contam os mundos planetários, são, além das mais, Suria (sol), Vayu (ar), Varuna (água), Soma (lua) e Aditya (terra). A função principal da divindade Indra era a de fazer cair a chuva sôbre a terra e a de lutar contra o demónio Vritra, que se opunha a isso. Os Maruts (ventos) auxiliavam Indra; e com o fim de animarem Indra e Maruts para o desempenho da sua importante missão, oferecia-se o Soma para lhes aumentar a força e a bravura. A divindade Agni era a medianeira entre os homens e os deuses. Era ela quem

lhes transmitia os sacrifícios que tivessem sido oferecidos, pois já a esse tempo se acreditava na imortalidade dos deuses e na imortalidade da alma — e essa imortalidade não era absoluta. Os deuses e a alma humana, sendo materiais, tendiam para a finalidade; e a alma dos homens podia atingir ainda a imortalidade dos deuses. Os deuses, como os homens, sentiam as mesmas paixões, as mesmas explosões de cólera, e era para as acalmar que se ofereciam os sacrifícios. Mas o culto era doméstico — e não havia templos nem lugares sagrados. E esse culto não revestia a forma patriarcal, porque não era o chefe de família que presidia às orações e às práticas do ritual — porém os padres, cantando hinos.

A essa primeira fase religiosa, caracterizada pela simplicidade do ritual e pelo número de divindades relativamente pequeno, seguiu o período de delírio religioso, em que os deuses principais dos Vedas foram relegados para o segundo plano, dando lugar ao culto afervorado de divindades, que no período anterior tinham sido mais ou menos olvidadas, como Brahma, Vishnú e Siva, o *trimurty* ou a trindade indiana, representando o triplo poder — criador, conservador e destruidor — da natureza. Ao mesmo tempo criaram-se também outras divindades. E cada uma das paixões humanas tinha uma divindade que a representava. « *Le génie indien* — escreve Prévost — *si profondément idolâtre qu'il incarnait l'Abstraction, a figuré chacune de ses passions, que les drames expriment, par une couleur spéciale vouée à un Dieu. L'amour consacré à Vichnou est d'un bleu foncé; la gaité est blanche et c'est Rama qui préside à ces jeux; la tendresse est rose et elle échoit à Rourda; la fureur est rouge et appartient à Sakra; l'héroïsme, gris, à Varouna; la terreur, noire, à Yama; le dégoût, bleu-pâle, à Mahakala; l'étonnement, jaune, à Brahma.*

À segunda pessoa do *trimurty* cabia regular o governo da terra. E Vishnú aparecia entre os homens, por meio de *avatars* ou

encarnações, para castigar os delinquentes, pessoalmente, por suas próprias mãos. Na primeira encarnação ou *matsya avatar*, Vishnú desceu às profundezas do mar, sob a forma de um enorme peixe, para reaver os Vedas, que o gigante Sancassur tinha roubado ao Brahma. Na segunda encarnação ou *curma avatar*, aparece transformado em uma enorme tartaruga e, metendo-se na água, sustentou a terra sobre o seu dorso, para a salvar do eminente perigo de um dilúvio. Na terceira encarnação, *varah avatar*, tomando a forma de um javali, derrubou o gigante Hiraneakxa, que oprimia os povos com o seu terrível poderio. Na quarta encarnação, *naraxium avatar*, aparece transformado em homem-leão para vencer o gigante Hiraneacassiopa, a quem os deuses tinham concedido o invulgar privilégio de só poder ser morto de um modo especial, impraticável pelos homens, e que se enchera de vaidade com esse privilégio, pois, julgando-se imortal, fazia-se temer e obedecer no seu reino, exigindo que o adorassem como a um Deus. Na quinta encarnação, *vamana avatar*, aparece sob a forma de um brâmane pigmeu, para castigar o desmedido orgulho do rei Bally, arremessando-o ao mar. Na sexta encarnação, *purisseramo avatar*, aparece sob forma humana para castigar o imperador Soasarjum, que havia mandado matar muitos dos seus vassallos. Na sétima encarnação, *Rama avatar*, aparece transformado em homem, denominando-se Rama, para vencer o gigante Ravona, rei de Lancá, que se fazia adorar como Deus; e este *avatar* é o tema do célebre poema Ramayana. Na oitava encarnação, *Krisna avatar*, aparece Vishnú feito homem, e com o nome de Krisna distingue-se durante a sua vida pelo valor e beneficência, castigando os soberbos e os poderosos, protegendo os humildes, e prégando a mais perfeita doutrina. Mas tendo prevalecido o poderio dos seus inimigos, foi amarrado a uma árvore, e trespassado por setas, predizendo antes de expirar os males que sobreviriam à humanidade na *Kaly-yuga*, que começaria trinta e seis anos depois do seu passamento. Este

avatar é objecto do grande poema heroico, o Mahabharata, do qual Krisna é o verdadeiro e principal herói.

Estas encarnações ou *avatars*, que lembram a criação do Génesis pela evolução progressiva da escala zoológica, são as sucessivas transformações por meio das quais Vishnú frequentemente intervem em negócios terrenos, ora para livrar os homens do jugo tirânico dos reis déspotas, ora para derrubar e vencer os que tinham a inofensiva presunção de se julgarem invencíveis. O seu espírito frívolo e irrequieto confunde-se com o de Iahvé israelita, de quem dizia Renan: *«ce dieu capricieux est le favoritisme même; sa fidélité est toute matérielle; il est à cheval sur son droit jusqu'à l'absurde. Il se monte contre les gens sans qu'on sache pourquoi. C'est une créature de l'esprit le plus borné»*.

Mas cinco séculos antes de Cristo, na cidade de Kapilavastu, ao sul de Népal, nasceu Buda, o Iluminado. O seu verdadeiro nome era Sidharta Gautama, e Çakya-Muni o sobrenome. Seu pai Sudhodana, receiando que as tendências do príncipe o levassem para a vida ascética ou contemplativa, obrigou-o a casar com uma joven princeza, cuja beleza encantava toda a gente — *ravissait tous les regards, conquérirait tous les cœurs*. A meditação, porém, foi sempre a paixão predilecta da sua alma terna e carinhosa. Era grande a sua bondade para os pequeninos e para os oprimidos. E ao cabo de doze anos de vida da cõrte, pensou nas vaidades humanas e, impressionado com o infortúnio alheio, buscou a solidão para sonhar a regeneração do mundo, e para ver se pelo menos lá encontraria essa alegria íntima que lhe faltava.

Diz-nos a lenda, que Buda, tendo saído uma vez do palácio pela porta do Oriente, encontrou no seu caminho um homem velho, decrépito, macilento, com as veias flexuosas e salientes, os dentes caídos, o corpo coberto de rugas, todo vergado, curvado, apoiado a um bastão, os membros trémulos, esgotado de forças, articulando com dificuldade palavras imperceptíveis; e Buda pensou

na creatura fraca e ignorante, orgulhosa da sua juventude, que será fanada, quando a velhice chegar. De outra vez, tendo saído do palácio pela porta do Sul, viu no seu caminho um homem doente, emagrecido, ardendo em febre, respirando com grande dificuldade, e sem guarida e sem asilo; e Buda perguntou: quem será o homem que, depois de ter visto o que vale a falta de saúde, possa ainda desejar a alegria e o prazer? Uma outra vez ainda, tendo saído do palácio pela porta do Ocidente, viu o cadáver de um homem, cercado de seus parentes que, desfeitos em pranto, lamentavam, carpiam a mágua do passamento de quem deixara êste mundo para não mais voltar; e Buda exclamou: maldita a juventude que a velhice estraga! maldita a saúde que as doenças arruinam! maldita a vida que se não vive por muito tempo! E abandonando o palácio de seu pai, renunciando aos prazeres da vida da cõrte, Çakya-Muni vestiu a cabaia amarela de penitente, e procurou a solidão onde meditou durante seis anos. Veio depois ao seio das multidões, para prègar a sua doutrina, que consistia, essencialmente, em cada um procurar abafar em si as paixões, garrotar os desejos — causa da desventura e origem da dor. E só por uma sã conduta, pela meditação, pelo ascetismo e pela humildade, se poderia atingir êsse estado sublime de repouso eterno e de apatia incessante — o *Nirvãna!*

A lenda do Buda não é sem analogia com a narrativa dos Evangelhos. Buda nasceu de uma virgem, da mesma forma como Cristo; e o seu nascimento tinha sido préviamente anunciado por um acontecimento milagroso. Êle pertencia a uma familia real como Jesus à de David; porém, a juventude dos dois reformadores não se passou da mesma forma: Buda foi educado como príncipe herdeiro de um trono, enquanto Cristo trabalhou com José, o carpinteiro. O jejum de Jesus no deserto, apoz o qual êle foi três vezes tentado pelo espírito do mal, o jejum e a tripla tentação de Çakya-Muni na solidão do bosque, assemelham-se extraor-

dinariamente pelas circunstâncias de que se revestiram. A aventura do Buda com uma pobre mulher, a quem pediu que lhe desse de beber, lembra a conhecida entrevista de Cristo com a Samaritana, e as palavras que lhe dirigiu.

Mas Deus não era o princípio nem o objecto da doutrina búdica — e ao panteísmo bramânico sucedeu o ateísmo. « *Le bouddhisme n'est presque pas une religion; il n'a ni cosmogonie, ni dieux, ni culte à proprement parler. C'est une morale, et la plus belle de toutes; c'est une philosophie qui s'accorde avec les spéculations les plus hardies de l'esprit moderne* » — diz Anatole France.

O budismo não foi uma religião nova. Foi simplesmente uma fase do bramanismo, diferindo dele apenas pelo seu sistema de moral. A sua filosofia procura resolver o problema da felicidade humana pelo desinteresse, pelo sacrifício, pela abnegação e renúncia, aconselhando a prática da virtude e do bem, sem a vã promessa do «reino do céu», sem a emulação dos seus discípulos, dos seus sectários. É dessa filosofia que deriva a *Teoria da vontade*, de Schopenhauer, que guardava um Buda de ouro no seu quarto de dormir. E como o budismo não passava de um sistema de moral, sem divindades novas que mitigassem na alma das multidões a saúde das divindades bramânicas, não tardou que fosse a pouco e pouco abandonado, esquecido — e depois perseguido pelo bramanismo hibernado, que resurgia mais ampliado e avigorado. E é esse o neo-bramanismo que ainda hoje persiste.

Mas não foram as facções religiosas que enfraqueceram, por constantes dissensões, a força e o poderio que resultam da unidade. Foram também as lutas intestinas, as guerras civis, provocadas pela ambição desmedida de vários dos seus reinantes. Foram ainda as invasões estrangeiras — Árabes, Aígans, Turcos e Mogois — que fizeram perder a independência e se apoderaram do trono por repetidas *réprises*.

Pelos meados do último século antes de Cristo reinou Vicra-

maditya até o princípio da era vulgar. Desde esse reinado até o de Bardéo, que restabeleceu o antigo império mais de 300 anos depois, os anais indús não esclarecem absolutamente nada. Bardéo fixou a residência em Canvuje, actual cidade de Oude, e os seus sucessores conservaram a coroa até os fins do 4.º século, tendo os grandes do reino proclamado Randeo seu imperador, que governou durante longos anos. Depois da sua morte reinou a mais perfeita anarquia, até que, pelos meados do 6.º século, dois rajás, Anindeo e Maldeo, dividiram entre si amigavelmente o poder e o império, restabelecendo a paz e a ordem.

Pelos fins do 10.º século, Soubouctagi, rei de Gazna, invadiu a província de Punjab e assinou a paz com o rajá Jeypal, que reinava em Lahore; e, por este se recusar a cumprir as condições impostas, Soubouctagi voltou novamente. Os rajás de Delhy, de Adjemir, de Callingar e de Canouje, correram em auxílio de Jeypal; mas Soubouctagi venceu a batalha. Mahmoud, sucessor de Soubouctagi, resolveu empreender a conquista do Indústão; e pelos fins do ano 1000 Mahmoud marchou em direcção a Lahore, venceu e prendeu Jeypal, a quem impoz pesados tributos. Pouco tempo decorrido, as suas tropas conquistaram Moultan; e em 1010 apoderou-se da cidade de Tanasar, onde havia sido erigido o templo de Joug-Soum (a lua), que tinha mais de mil ídolos cravejados de pedras preciosas. Poucos dias depois capitulou Delhy; e em 1013 avançou pelo Tibet, conquistou Caschmir, e seguiu para Canouje, que era ao tempo a metrópole da Índia, e que não lhe ofereceu resistência alguma. Assenhoreou-se de Mattoura, célebre na Índia, por ter sido o berço de Krisna, e em 1024 empreendeu a conquista de Guzzerate, marchou atravez de Moultan e Adjemir, e apoderou-se do templo de Jaggernaut, onde mandou quebrar o ídolo principal, tendo encontrado dentro dele uma grande quantidade de diamantes, rubis, pérolas e outras pedras preciosas, que foram enviadas a Meca, Medina e Gazna,

para serem embutidos nas soleiras das portas dessas tres cidades. Morreu no ano 1030, depois de ter indicado para sucessor o seu filho Mohamed, que a poucos dias do seu reinado foi vencido e encarcerado pelo seu irmão Massoud, que se apoderou do trono.

Quando Massoud marchava para a conquista da Índia, foi preso pelos seus homens de armas, que proclamaram rei o seu irmão Mohamed, o qual, em vista da sua grande debilidade física, declinou as responsabilidades do govêrno no seu filho Ahmed, cujo primeiro acto de govêrno foi o de assassinar por mãos próprias o seu tio Massoud, provocando uma geral indignação e despertando o ódio do seu primo Modoud, filho da vítima. Modoud venceu Ahmed e supliciou-o; dominou a revolta dos rajás, que pretendiam sacudir o jugo muçulmano, e morreu ao cabo de nove anos de reinado, em 1049. Os seus sucessores nada fizeram de notável, quando, em 1118, estando Byran no trono, se deu a revolta de Lahore, tendo a apoiá-la o príncipe Mohamed de Gaur. Byran ficou vencido e morreu de desgosto, tendo-lhe seguido no reinado o seu filho Cosrou, que morreu passados sete anos de govêrno, deixando por sucessor um seu filho também chamado Cosrou, com quem findou a dinastia gagnevida em 1184, dando início à dinastia gaurida, com a invasão afgã.

Em 1191 Mohamed encarregou o seu vizir Coultoub de fazer a conquista de Guzzerate; e em 1197 empreendeu novas conquistas e apoderou-se de Delhy, para onde transferiu a sede do govêrno. Mohamed morreu em 1205, deixando por sucessor Mahmoud, príncipe fraco e pusilânime, e durante cujo reinado os governadores das províncias conquistadas proclamaram a sua independência, lutando uns contra os outros; e Coultoub aproveitou a desordem para se proclamar imperador. Pouco tempo, porém, durou o seu reinado; e o seu filho, que lhe herdara o trono, foi vencido pelo chefe rebelde Altoumsh que, apoderando-se da coroa, conquistou a provincia de Bengala, Outch nas margens

do Sindh, Sewalic e Malwa, e destruiu o célebre templo de Mahakali, que os indús tinham construido pouco depois da devastação do templo de Sumnaut.

Após a sua morte subiu ao trono seu filho Feroze, que foi logo deposto, e sua irmã Rézia foi proclamada imperatriz. Mas, como ela tivesse resolvido casar com um chefe que se havia revoltado contra a sua autoridade, foi substituida pelo seu irmão Nadir-ud-Din ou Mahmoud II, que logo nos primeiros tempos do seu reinado teve que repelir a incursão de um aguerrido bando de tártaros, denominados mongois ou mogois, que tinham penetrado em Bengala, pelas fronteiras de Tibet. Morreu em 1265, sem deixar sucessão masculina, e seu vizir Balim, tendo sido proclamado imperador, também teve que repelir uma segunda incursão mogol em 1269.

Balim, vendo que se aproximava o seu fim, indicou para sucessor o seu neto Kei-Kosrou, filho do príncipe Mohamed, morto na batalha contra os mogois. Kei-Kosrou foi deposto nos primeiros anos do seu reinado, e os *omrahs* (pessoas escolhidas pelo imperador para membros do conselho imperial) proclamaram Kei-Kobad, filho do príncipe Kera, governador de Bengala, que escolheu para seu vizir Malleck-Feroze, chefe da tribo afgã de Chilligi, o qual, pretendendo alçar-se ao trono, mandou assassinar o imperador Kei-Kobad e o seu filho. Assim acabou a dinastia gaurida, e Feroze, apoderando-se do trono, repeliu uma nova incursão mogol, tendo-lhe sido favorável a vitória. Porém, em 1295, o seu sobrinho e genro Alla-oul-Dien, ambicionando a coroa, assassinou Feroze, auxiliado pelos sicários. E, feito imperador, reconquistou o reino de Guzzerate, morrendo em 1316, depois de ter repellido uma outra incursão mogol.

Pouco tempo depois, um poderoso e aguerrido bando de mogois, capitaneados por Timurleng ou Tamerlan, invadia a Índia pela provincia de Punjab. Não tendo encontrado quasi nenhuma

resistência na sua marcha triunfal, Tamerlan cercou Delhy, que se lhe rendeu facilmente. Foi então proclamado imperador, e durante o seu reinado teve que dominar muitas insurreições dos estados dependentes da coroa de Delhy. Após a morte de Tamerlan subiu ao trono Baber, um seu descendente, que nos primeiros tempos do seu governo dominou com feliz êxito uma revolta de Patans. Baber foi incontestavelmente um administrador justo e sagaz: foi clemente até a fraqueza, generoso até a prodigalidade, amigo e protector dos seus súbditos, de uma bravura quasi temerária, tenaz na adversidade, activo e previdente nas batalhas. E sentindo que a morte lhe vinha próxima, indicou para successor o seu filho Houmaïoun, que empreendeu a reconquista do Guzzerate e das províncias de Oude e de Bengala. Mas os seus adversários de raça afgã, chefiados por Shir-Kan, revoltaram-se contra a sua autoridade — e Houmaïoun foi vencido e expulso do trono de Delhy. Shir-Kan governou durante longos anos, e a principal acção do seu governo foi o problema de viação, que elle traçou e executou admiravelmente.

Entretanto Houmaïoun cuidava da educação do seu filho Akbar. E depois de se apoderar do reino de Caboul, atacou e derrotou os príncipes que disputavam a corôa de Delhy, retomou o seu trono e morreu em 1556, legando ao seu filho, ainda muito novo, os pesados encargos da coroa. Akbar, chegado à maioridade, empreendeu a conquista do Industão; e em 1573 submetia ao seu domínio o importante reino de Guzzerate, e mais tarde a província de Cashmire e a de Scind. Para completar a posse do Industão, Akbar lançou-se no Dékan e fez a conquista do reino de Ahmédnagar; e morreu em 1605, legando o trono ao seu filho Selim ou Jéhanghir.

Nos primeiros tempos do reinado de Jéhanghir desembarcou em Surrate o capitão inglês Hawkins, como enviado especial para a companhia das Índias. Hawkins solicitou uma audiência do impe-

rador, e Jéhanghir, encantado e vencido pelos delicados modos do official britânico, que era portador de uma carta do seu soberano Jacques I, atendeu as suas pretensões e aceitou as suas reclamações.

Nessa ocasião, muitas províncias do Dékan viviam na mais deplorável anarquia. E Jéhanghir, porque a falta de saúde lhe não permitia, encarregou os governadores de combater a anarquia e restabelecer a ordem. Em 1627, pela morte de Jéhanghir, o seu filho Shah-Jéhan apoderou-se do trono; e em 1635, depois de ter perseguido o induismo, e reconhecendo que essa perseguição era tão nociva quanto impolítica, resolveu conquistar o reino de Bijanagour, o célebre reino dos diamantes de Golconda, e reduzir à vassalagem da coroa imperial os estados do sul da Índia.

Os últimos anos do seu reinado decorriam pacíficos, quando o seu filho Aureng-Zeb, ambicionando a coroa, e vendo que a sucessão estava indicada para o seu irmão Darah, marchou para Delhy com um numeroso exército, e obrigou Darah a fugir perante a vitória dos insurrectos. Aureng-Zeb acampou às portas da cidade de Delhy, e mandou o seu filho Mohamed, acompanhado de uma escolhida guarda, para falar com o imperador Shah-Jéhan. Mohamed prendeu o avô e encarcerou-o, e Aureng-Zeb fez-se imperador. Durante o seu reinado reconquistou o reino de Golconda e submeteu ao seu poder os rajás de Carnatic, Maïssore e Tananjour. E depois de ter submetido à sua soberania quasi todo o Industão, Aureng-Zeb occupou-se de administração interna, fundou universidades, colégios e escolas. A morte de Aureng-Zeb marca o início da decadência do império mogol.

Durante este lapso de tempo a companhia inglesa da Índia florescia consideravelmente. A companhia que estava organizada para quinze anos de exploração, tinha primitivamente um governador e vinte e quatro directores. Pela cedência de Bombaim como dote da princesa Catarina, espôsa de Carlos II, o comércio

de Surrate veio a ter mais uma sentinela na costa de Malabar, enquanto as possessões britânicas da costa de Coromandel, adquiriam grande importância pelo desenvolvimento das feitorias de Masulipatan e de Hugli. Porém, em face da crescente perda de autoridade do governo mogol, os Maratas resolveram restaurar o antigo império indiano e expulsar os estrangeiros que se tinham apoderado do trono de Delhy. Os ingleses, receiando o poder marata, apressaram-se em derrotar alguns exércitos vizinhos das suas feitorias, e apoderaram-se da fortaleza de Gwalior, e em pouco tempo assenhorearam-se de Bengala, de Bihar e de Orissa, na costa de Coromandel, de Surrate, de Bombaim e de Canará, na costa de Malabar e de algumas províncias situadas entre o Dékan e Maïssore.

Hyder-Ali, rajá de Maïssore, declarara guerra aos ingleses e ficara vencido. E após a derrota de Hyder-Ali, os ingleses empreenderam a conquista do resto da península, mandando avançar para Dékan um exército sob o comando do major-general Wellesley, que se apoderou de Ahmednagar e de Ahmednabad, derrotando o chefe marata Scindiâh; o coronel Murry foi encarregado da conquista do Guzzerate, enquanto Lake, comandante em chefe das tropas britânicas, dominava Punjab e o norte da Índia, e o coronel Campbelle submetia à autoridade britânica as províncias situadas entre o Dékan e Maïssore. E desde os princípios do século XIX o domínio inglês na Índia estendeu-se por quasi toda a península, de leste a oeste e de norte a sul.

*
* *
*

Mas em 1497 as caravelas portuguesas tinham partido de Restelo em demanda do Levante — *au fond de l'inconnu pour trouver du nouveau*, para me exprimir num verso de Beaudelaire. Vasco

da Gama, após onze meses de viagem, desembarcava em Calicut, para impor um tratado de comércio a Samorim, aliás Tamoury, soberano de Calicut, estado tributário de Viznagur, trazendo de regresso as mais preciosas mercadorias — trofeus de vitória para presentear o seu rei.

Estava descoberto o caminho marítimo para a Índia. Estava desvendado o *mistério* do Oriente! E D. Manuel, o venturoso soberano de Portugal, organizou novas expedições para empreendimentos maiores. É Pedro Álvares Cabral que, em 1500, desviando da sua rota chega às terras de Santa Cruz; e de regresso do Brasil segue em direcção ao Cabo da Boa Esperança, e, com o auxílio de hábeis pilotos, que lhe deu o rei de Melinde, chega a Calicut, onde funda a primeira feitoria portuguesa. É Afonso de Albuquerque, o conquistador de Gôa, Ormuz e Malaca. É D. Francisco de Almeida, o conquistador de Diu e o primeiro vice-rei da Índia. É D. João de Castro, é Duarte Pacheco, e tantos, tantos outros, heroicos e intemeratos fundadores do grande *empório oriental*, que a Pátria-reconhecida não olvida jamais. A dominação portuguesa estendia-se desde Colombo, na ilha de Ceylão, até Diu, à entrada do golfo de Cambaia. E Damão, Chaúl, Bassaim, Bombaim e Onore, estavam submetidas à sua soberania. Senhores da costa ocidental, procuraram estender o seu domínio até à outra costa; e atravessaram o estreito de Manará, famoso pela sua rica pesca de pérolas, passaram por Negapatnam, avançaram para Meliapur e chegaram para Masulipatan.

Não foi preciso mais de meio século para fundarem um império na Índia — mas bastou menos tempo ainda para o perderem. O reduzido número das tropas portuguesas não era suficiente para guardar e defender a grande extensão dos seus domínios, e as diversas feitorias, muito afastadas umas das outras, não podiam socorrer-se mutuamente. Os governadores dessas feitorias, só nominalmente dependiam dos governadores gerais, residentes em

Gôa; e, sob o falso pretexto de distância, julgavam-se dispensados de receber as suas ordens. Os governadores gerais, por seu turno, vendo que as suas funções cessavam ao cabo de três anos, ocupavam-se muito menos com os interesses do Estado do que com a sua própria fortuna; e, para que os outros não denunciassem a sua conduta perversa, fechavam os olhos a todos os abusos, toleravam que cada qual se enriquecesse, contanto que os deixassem enriquecer também — porque a sêde de ouro anuviara a visão da Pátria distante! E em vez de herois ficaram mercadores.

Enquanto na Índia se degradavam os caracteres, se poluíam as consciências e se afrontava a memória daqueles herois, Portugal submetia-se à dominação espanhola. D. Sebastião tinha partido para a batalha de Alcácer-Kibir — e pela primeira vez a espada portuguesa vergava, vencida perante o alfange sarraceno. Tinha sido a nevrose, alucinação ou loucura, que havia impellido o moço rei para a derrota da África? Nada disto. Tinha sido a voz do Passado; tinham sido as vozes cavas e tumulares dos seus maiores — fantasmas de Herois! — que se haviam erguido das suas sepulturas, para lhe segredarem ao ouvido a necessidade de empreendimentos novos, de empreendimentos maiores. E foi-lhe desfavorável a batalha? Que importa?! Abençoada derrota que soube unir, fundir todas as almas em uma só alma: a Alma Portuguesa, que, em uma fria e enevoada manhã de Dezembro de 1640, ouviu o grito de: *Vitória! Vitória!* reboando no côncavo dos vales, de quebrada em quebrada, dos cimos das serras, à vastidão dos mares! E a espada portuguesa mais uma vez rebrilhou — fulgiu ao sol da Glória!

*
* *

MEUS SENHORES:

São de Voltaire estas palavras: *Portez votre vue sur l'Orient, berceau de tous les arts, qui a tout donné à l'Occident.* E com efeito, em todos os ramos da actividade humana, revela-se manifestamente o valor intelectual do povo indiano.

Na época anterior à era vulgar aparecem os dois grandes poemas, o Mahabharata, em que se descreve a vida de Krishna, e a luta entre os Curus e Pandavas, descendentes de Bárata, filho de Xacuntalá, composto em quatrocentos mil versos, e atribuído a Viassa; e Ramayana, que descreve a expedição de Rama à cidade de Lancá, em Ceylão, para resgatar a sua esposa Sitá, raptada por Ravona, e cuja autoria se atribue a Valmiqui. Na estratégia são muito conhecidos os nomes de Poro ou Puru e de Chandragupta, a quem se refere Megasthenes, o representante grego na côrte de Pataliputra. O fabulário indiano no quinto século é representado por Panchatantra e Hitopadexa. Nas sciências matemáticas e astronómicas, Ariabata, no quinto século, sustenta a doutrina da rotação diurna da terra sôbre o seu eixo, e só passados onze séculos Galileu apresentou a sua bem conhecida teoria; nesse mesmo século, Varahmihira, escreve o tratado denominado *Brihat Sanhita*, em que, além da astronomia própria-dita, aborda a questão das chuyás, ventos, terramotos, etc.; no sétimo século, Bramagupta escreve um grande tratado sôbre astros e esferas; e Bhás-Kara-Achârya, no duodécimo século, enuncia o princípio e lança as bases do cálculo infinitesimal. Nas sciências médicas são notáveis os trabalhos de Châraca e de Suçruta, citados por Al-Razi e Ibn-Siná ou Avicena; e há vinte e

cinco séculos a medicina era professada nas universidades de Taxila, Nalanda, Vicramasila e Udandapur. No teatro é Calidassa, o imperecível autor de *Xacuntalá*. Na gramática é Panini que viveu quatro séculos antes de Cristo, e que subordinou a linguagem às suas quatro mil regras; é Iasca, o mais antigo comentador do Rig-Veda; é Amarasinha, que, no quinto século, organizou o seu primeiro dicionário da língua sânscrita. Na filosofia é Cápila, fundador do sistema sânquia, que admitia o espírito e a matéria eternos e indestrutíveis; é Patanjaly, fundador do joguismo, e é Gotama, o autor do silogismo indiano. No domínio da Arte, é a arquitectura, que sobreleva a todas outras manifestações do seu génio artístico. A arquitectura indiana não obedece somente a um molde ou a um estilo. Ela corresponde a todos os períodos do seu passado, a todas as fases da sua história — porque a sua arquitectura é a sua história em pedra!

E desta Índia, que é também o meu berço, eu direi, fazendo minhas as palavras de Tagore: *As the night keeps hidden in its gloom the petition for light, even thus in the depth of my unconsciousness rings the cry — I want thee, only thee.*

Tenho dito.